

"O Globo" - 19. 12. 60

A CRÔNICA de Rubem Braga

O POBRE PAGA

EU já disse que Estado pequeno não tem vez. Também contei a história que Augusto Ruschi me contou: um dia ele estava em algum lugar às margens do rio Doce e viu um beija-flor. E estremeceu. Conhecendo bem os beija-flôres do Brasil e vivendo desde menino no Espírito Santo, Ruschi sabia que aquela espécie não era dali. Era um beija-flor típico das caatingas da Bahia e do Nordeste. Acontecera isto: a devastação irracional da mata capixaba fizera com que a caatinga descesse para o Sul. Aquela ave zinha vibrante e colorida era uma advertência mais negra que um corvo: anunciava a degradação da terra e do clima.

Quando fundaram a SUDENE eu tive a idéia: o Espírito Santo devia aderir ao Nordeste, pedir admissão ao polígono das secas. Anteontem, em Vitória, expus essa idéia ao Governador Carlos Lindemberg e ele sorriu: "Isso queria eu, mas não deu jeito." Agora, que o Nordeste passa a gozar de regalias especiais — justíssimas, seja dito de passagem — o Espírito Santo continua sozinho e abandonado na Federação. Nossa aliança natural seria com os simpáticos vizinhos mineiros — seria, se eles não quisessem arrancar-nos a pele...

O que acontece com o pobre é que ele tem de sustentar o rico. A indústria paulista precisa de proteção para se formar e se afirmar e só um retardado mental poderá ser contra essa proteção. Mas é justo que um Estado pequeno e pobre como o Espírito Santo pague para isso?

Construída a Hidrelétrica de Rio Bonito, o Governo capixaba faz agora as obras civis da Suíça. A usina do Rio Bonito, cuja capacidade é de 18 mil quilowatts, foi montada por uma firma alemã. A da Suíça, que fica um pouco abaixo no mesmo rio, e cuja capacidade será de 60 mil quilowatts, está correndo o risco de ser construída com maquinaria paulista. O preço é o dobro. Além disso a indústria nacional pede 30 por cento adiantados e todos os pagamentos no ato de recebimento do material, enquanto na Europa é fácil conseguir quem forneça tudo para receber em oito anos, a partir de três anos de carência. Sem falar dos prazos de entrega, que os nacionais não costumam respeitar. Sem falar do fato de que 80 por cento de uma turbina "nacional" — seu miolo — são importados pela indústria paulista, que tem licença e proteção para isso...

O resultado é que o Espírito Santo não pode construir essa usina, de que necessita, porque não pode enfrentar nem os preços nem as condições de pagamento da indústria nacional. Usina é energia e sem energia não se faz nada.

Estado pequeno e pobre não tem vez. ..

194